
La Comédiathèque
OS NÁUFRAGOS
DO COSTA MUCHO
Jean-Pierre Martinez
comediatheque.net

Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente. Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização: https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/

Os Náufragos do Costa Mucho

Uma comédia de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Ele e ela estão no mesmo barco. Ele e ela caem à água. O que é que resta?

A vida é um naufrágio. O além é um paraíso fiscal.

Personagens:
Patrick
Nathalie

As duas personagens podem ser interpretadas pelos mesmos atores ao longo da peça, ou por vários atores sucessivamente (o que acentuará a dimensão cómica, onírica e simbólica). O elenco pode, portanto, variar em número e género.

© La Comédiathèque

Dia 1

Ouvem-se ondas e gaivotas. À medida que o som se desvanece, a luz revela gradualmente um pequeno ilhéu. Algumas rochas ao fundo do palco (com passagem para os bastidores de ambos os lados). Um pouco de areia. Duas palmeiras raquíticas. Uma boia de salvação com a inscrição Costa Mucho pendurada no tronco de uma das palmeiras. Alguns objetos espalhados pela praia (do lado do palco, sendo a plateia o oceano). Estes adereços, escondidos atrás das rochas ou enterrados na areia, só se tornarão visíveis quando as personagens os descobrirem. Um homem e uma mulher, ambos com roupa de verão, jazem inconscientes no chão: ele tem um ar de homem do povo; ela é mais sofisticada. Ouve-se um telemóvel tocar. O homem acorda. O telemóvel deixa de tocar. Olha à sua volta, sem perceber onde está. Levanta-se e dá a volta à ilha, desaparecendo por instantes (sai pela esquerda e entra pela direita). Ainda desorientado, vê o telemóvel no chão e apanha-o. Examina-o com curiosidade e marca um número.

Patrick – Sim, Christelle, sou eu. Ouve... Acabei de acordar e... Não percebo nada... Estou numa espécie de praia... Não sei se... Tínhamos alguma escala prevista ou... Mas onde estás tu? Enfim, liga-me assim que ouvires esta mensagem...

Pousa o telemóvel e vê a mulher ainda estendida no chão, como se estivesse a dormir. Observa-a, intrigado.

Patrick – Desculpe, eu... *(Levanta a voz.)* Está a ouvir-me? *(Como ela continua sem reagir, abana-a.)* Então, acorde! Bolas, está bêbeda que nem um cacho. *(Pausa.)* Ou então está mesmo morta...

Volta a olhar à sua volta, espantado. Depois dá outra volta à ilha, desaparecendo atrás da rocha. Entretanto, a mulher recupera os sentidos e levanta-se, ainda atordoada. O homem regressa e dá de caras com ela. Assusta-se.

Patrick – Porra! Que susto me pregou...

Nathalie – Ah, sim?

Patrick – Por acaso não viu a minha mulher?

Nathalie – A sua mulher?

Patrick – Sim, a minha mulher. A Christelle.

A mulher olha também à sua volta.

Nathalie – Mas onde é que estamos?

Patrick – Numa ilha, pelos vistos. Ou melhor, num ilhéu.

Nathalie – Numa ilha?

Patrick – Sim. Numa ilha deserta.

Nathalie – E viu alguém?

Patrick – Estou a dizer-lhe que é uma ilha deserta! Além de si, não vi ninguém...

Nathalie – E o que fazemos aqui?

Patrick – Estava a contar consigo para me explicar isso...

A mulher observa o homem por momentos.

Nathalie – Mas eu conheço-o de algum lado...

Patrick – Ah, sim?

Nathalie – Também estava no Costa Mucho!

Patrick – Estava a fazer um cruzeiro com a minha mulher, para festejarmos o aniversário de casamento. Quer dizer, a ideia foi sobretudo da Christelle, porque eu, cá por mim, cruzeiros...

Nathalie – Christelle! Já me lembro... Uma mulher gorda, com uma blusa cor de laranja. Estávamos sentadas uma em frente da outra, ontem, na festa do capitão.

Patrick – O tema era o Halloween, mas ela achava que vestir-se de abóbora não a favorecia... Por isso resolveu vestir-se de cor de laranja...

Nathalie – Exatamente... O capitão convidou-me para dançar... E depois já não me lembro de nada...

Patrick – Que estranho, eu também não...

Nathalie – Como é que viemos aqui parar?

Patrick – Nem faço ideia... Onde está o navio?

Nathalie – Talvez esteja do outro lado.

Patrick – Do outro lado?

Nathalie – Do outro lado da ilha!

Patrick – Já lhe dei a volta duas vezes. E acredite que não demora nada.

Nathalie – Acha que naufragámos?

Patrick – Um naufrágio?

Nathalie – Porque haveriam de nos abandonar deliberadamente aos dois neste ilhéu?

Patrick – Sei lá eu.

Nathalie – Talvez seja um jogo... *(Ele olha para ela, perplexo.)* Uma atividade organizada. Para entreter os passageiros durante a viagem.

Patrick – Como na Ilha da Tentação, é isso?

Nathalie – Tem mesmo a certeza de que estamos numa ilha?

Patrick – Um pedaço de rocha rodeado de água por todos os lados... Como é que lhe chama?

Nathalie – Não sei... Talvez só seja uma ilha na maré alta...

Patrick – Como assim, na maré alta?

Nathalie – Como o Mont Saint-Michel.

Patrick – Isto não se parece nada com o Mont Saint-Michel...

Nathalie – Uma vez aconteceu-me uma coisa parecida, perto de Saint-Malo.

Patrick – Ainda agora era o Mont Saint-Michel...

Nathalie – Vai dar ao mesmo. Fui visitar o túmulo de Chateaubriand com a minha mãe.

Patrick – Ao Mont Saint-Michel?

Nathalie – A Saint-Malo! Pelo menos conhece as Memórias de Além-Túmulo, não?

Patrick – É professora, não é?

Nathalie – De Francês, sim. Como é que adivinhou?

Patrick – Não sei, foi um palpite...

Nathalie – Enfim, fomos até lá a pé, eu e a minha mãe. Foi um passeio muito bonito. Tirámos umas fotografias ao túmulo daquele grande homem e passeámos um pouco. Quando quisemos regressar, demos conta de que estávamos cercadas de água.

Patrick *(distraído)* – A sério...?

Nathalie – Tínhamo-nos esquecido da maré! Tivemos de esperar quatro horas para poder voltar a terra firme. Quatro horas, está a imaginar?

Patrick – Quatro horas?

Nathalie – Até a água baixar o suficiente para podermos regressar a pé!

Patrick – Pois...

Nathalie – E o pior é que nesse mesmo dia tínhamos o comboio de regresso a Paris. Ainda tivemos de passar pelo hotel para ir buscar as malas... Quando chegámos à plataforma, o chefe da estação já tinha apitado para a partida.

Patrick *(irónico)* – Que aventura extraordinária...

Nathalie – Espero que não tenhamos de esperar quatro horas nesta ilha.

Patrick – Porquê? Tem algum comboio para apanhar?

Nathalie – Não, creio que não...

Patrick *(irritado)* – Um túmulo... Porra, está a atrair-nos o azar...

Nathalie – Porque é que diz isso?

Patrick – Este ilhéu vai ser o nosso túmulo se ninguém vier buscar-nos!

Nathalie – Estou a dizer-lhe que talvez seja só na maré alta...

Patrick – Já me está a chatear com essa história da maré!

Nathalie – Era só uma hipótese...

Patrick – Pois, uma hipótese de treta! E quem lhe disse que estamos na maré alta, para começar?

Nathalie – Não sei... Estou a tentar ser otimista...

Patrick – Otimista? Pois... Porque, se afinal estivermos na maré baixa... Daqui a quatro horas teremos de subir cada um à sua palmeira...

Nathalie – Não parecem muito robustas...

Patrick – E está a ver alguma costa por perto?

Nathalie – Não...

Patrick – Se estivéssemos num ilhéu como o Mont Saint-Michel, víamos a costa.

Nathalie – Pois, evidentemente...

Patrick – Chateaubriand... Isso é que me sabia bem agora: um bom bife Chateaubriand. Malpassado... Estou a ficar com uma fome de lobo... Se ao menos tivéssemos naufragado depois do jantar...

Ela olha subitamente para ele com desconfiança.

Nathalie – Isto não será tudo uma armação?

Patrick – Uma armação?

Nathalie – A desculpa do carro avariado já ma deram. Mas a do naufrágio... Não me sinto nada bem... Fez-me beber alguma coisa, foi? Drogou-me!

Patrick – Mas está boa da cabeça?

Nathalie – Sim, sim, eu conheço bem os homens...

Patrick – Não se nota muito, se me permite... Aliás, nem tenho a certeza de que estivesse interessado.

Nathalie – Está bem, já percebi... Também não precisa de ser desagradável.

Patrick – E lembro-lhe que sou casado! Já agora, é verdade... Onde está a Christelle?

A mulher fica subitamente imóvel.

Nathalie – Mãe!

Patrick – Ah, não! Agora não vai chamar pela sua mãe!

Nathalie – A minha mãe também estava no Costa Mucho!

Patrick – Ah, estava...? Merda...

Nathalie – Meu Deus! Acha que estão todos mortos?

Patrick *(absorto)* – Todos?

Nathalie – Todos os outros passageiros! Os que estavam connosco no navio!

Patrick – Não sei de nada... Não percebo nada...

Pausa.

Nathalie – Talvez estejamos na Grécia.

Patrick – Na Grécia? Porque é que havíamos de estar na Grécia? Há cinco minutos apostava no Mont Saint-Michel.

Nathalie – Era um cruzeiro pelo Mediterrâneo, não era?

Patrick – A Grécia é bastante maior do que isto.

Nathalie – A Grécia tem muitas ilhas. Algumas devem ser minúsculas.

Patrick – Bem, com esta confusão toda... Até pode ser a Grécia...

Nathalie – Estive lá há uns anos, com a minha mãe... Mas não reconheço nada.

Patrick – Seja como for, se estamos na Grécia, pode esquecer a ideia de voltar a pé para a costa na maré baixa.

Nathalie – Porquê?

Patrick – Porque no Mediterrâneo não há marés!

Nathalie – Ah, pois, é verdade.

Patrick – Pois. Posso não conhecer... Chateaubriand, mas ao menos sei que no Mediterrâneo não há marés.

Nathalie – Bem, há, só que... são de amplitude muito reduzida.

Patrick – Pois claro... De amplitude muito reduzida...

Nathalie – Exatamente.

Patrick – Um naufrágio... Não acredito... Com o dinheirão que me custou esta porra de cruzeiro no Costa Mucho...

Nathalie – É mesmo indispensável dizer «porra» pelo menos uma vez em cada frase?

Completamente transtornado, ele nem sequer ouve a observação.

Patrick – Porra... O que é que estava a dizer?

Nathalie – Nada, eu... Estava a perguntar-me se...

Patrick – É de meter medo, não é? O que diabo terá acontecido?

Nathalie – Não sei... O Titanic afundou-se por causa de um icebergue.

Patrick – Icebergues no Mediterrâneo são raríssimos.

Nathalie – Sobretudo no verão...

Patrick – Não, talvez tenha sido um recife...

Nathalie – Um recife? Há recifes em alto-mar? Mesmo no meio do Mediterrâneo?

Patrick – Há ilhéus, não há? Como este onde fomos dar.

Nathalie olha para o mar, do lado da plateia.

Nathalie – Já imaginou? Se calhar, o navio está mesmo aqui, debaixo dos nossos pés, a poucos metros de profundidade. Com todos os passageiros a bordo...

Patrick – Acha que somos os únicos sobreviventes?

Nathalie – Não sei.

Patrick – Deve ter sido um recife como este, só que sem palmeiras para avisar que ali estava.

Nathalie – Mas há cartas náuticas que assinalam os recifes. É como viajar de carro: temos mapas que mostram onde estão as montanhas e as estradas para as atravessar. Assim evitamos ir de encontro a elas...

Patrick – Cartas... É preciso olhar para elas! E saber lê-las... Bastava ver a cara do capitão. Devíamos ter desconfiado.

Nathalie – Porquê?

Patrick – Parecia mais um bailarino de tango do que um velho lobo do mar!

Nathalie – Está bem, não usava camisola às riscas, não tinha barba nem fumava cachimbo... Mas, para comandar um paquete como o Costa Mucho, é preciso estudar.

Patrick – Está bem, está... Hoje em dia, qualquer idiota pode comandar um petroleiro! Era argentino, não era?

Nathalie – Italiano.

Patrick – Seja como for, antes de ser capitão deve ter tido mais aulas de danças de salão do que de navegação.

Nathalie – Vejo que percebe muito do assunto... E o que faz na vida?

Patrick – Sou camionista.

Nathalie – Ah, claro... Isso faz de si um grande especialista em navegação marítima.

Patrick – Só estou a tentar perceber que raio fazemos aqui.

Pausa.

Nathalie – Apesar de tudo, ele tinha classe... Com aquele uniforme branco e o boné de pala... E acredite: mesmo não sendo argentino, dançava muito bem o tango!

Patrick – A famosa festa do capitão... É preciso animar o cruzeiro... Sobretudo as senhoras...

Nathalie – Tem de admitir que era um homem elegante.

Patrick – Pois, mas aposto que é por causa daquele gigolô que estamos encalhados aqui.

Nathalie *(cantando e esboçando um passo de dança)* – Bésame, bésame mucho... Agora me lembro. Era o que a orquestra tocava pouco antes de o navio se afundar.

Patrick – Lembra-se do naufrágio?

Nathalie – Não... Só me lembro de estar nos braços do capitão. Era ele que dançava comigo. Ainda me faz palpitar o coração...

Patrick – Bésame... Pois, beijar não sei, mas foderam-nos bem.

Nathalie – Por favor, não precisa de ser grosseiro!

Patrick *(também a cantar)* – Custa-me, custa-me muito... Se aquele chulo, em vez de andar a dançar com as senhoras na festa, tivesse ficado no posto de comando, com as mãos no pau...

Nathalie – Que pau?

Patrick – Bem... No leme, se prefere.

Nathalie – Sim, porque o pau...

Patrick – A questão é que, se naufragámos, foi porque aquele idiota não soube segurar o leme!

Nathalie – Quer queiramos, quer não... Num navio, depois de Deus, quem manda é o capitão.

Patrick apanha do chão um boné de marinheiro.

Patrick – Pois parece que Deus morreu...

Põe o boné. Ela olha para ele, consternada.

Nathalie – Não...

Patrick – Pelo menos deixou-me o boné. Com este calor...

Nathalie – Mas isto é terrível... Acha que a minha mãe também morreu?

Patrick – Não sei... Sabia nadar?

Nathalie – Não...

Patrick – Nesse caso, a menos que tenha havido um milagre...

Nathalie – E a sua mulher? Sabia nadar?

Patrick – Numa piscina, sim... Seja como for, num naufrágio, passado umas horas, isso já não faz grande diferença.

Nathalie – Então, a esta hora, provavelmente já é viúvo.

Patrick – Pois... E a senhora, órfã.

Nathalie – E é só isso que tem a dizer?

Patrick – O pior nunca é garantido... Nem o melhor, já agora... Enquanto não chegarem as participações de óbito...

Nathalie – E importava-se de tirar esse boné?

Patrick – Porquê?

Nathalie – Não sei... Parece-me um pouco indecente... Se aquele pobre homem se afundou com o navio.

Patrick – Muito bem... Se prefere que eu apanhe uma insolação...

Tira o boné, contrariado.

Nathalie – Meu Deus... E pensar que fui eu que convidei a minha mãe para este cruzeiro... Era a prenda do sexagésimo aniversário dela...

Nathalie está à beira das lágrimas.

Patrick – Ah, não, não se ponha a chorar... E já lhe disse que não sabemos de nada... Talvez tenhamos sido nós a cair do navio.

Nathalie recupera alguma esperança.

Nathalie – Ou então estão noutro ilhéu como este.

Patrick – Ou trinta pessoas enfiadas num pequeno bote insuflável, à deriva.

Nathalie – Que horror. Só de pensar nisso... Dá-me dores de estômago.

Patrick – A mim também... Mas no meu caso deve ser porque não comi nada desde ontem à noite.

Silêncio.

Nathalie – Porque é que isto teve de nos acontecer a nós?

Patrick parece ver alguma coisa no chão.

Patrick – Não sei.

Baixa-se e apanha discretamente um objeto caído debaixo de uma das palmeiras.

Nathalie – Acredita no destino?

Patrick – No destino?

O gesto, porém, não escapa a Nathalie.

Nathalie – O que é isso?

Patrick – Um Bounty.

Nathalie – Então é tudo o que temos para sobreviver até chegarem os socorros? Um Bounty para dois.

Patrick – Para dois?

Nathalie – Vamos dividir, não vamos?

Patrick – Fui eu que encontrei o Bounty... *(Ela fulmina-o com o olhar.)* Está bem, dividimos...

Nathalie – Talvez fosse melhor guardá-lo para quando tivermos mesmo fome.

Patrick – Mas eu tenho mesmo fome!

Abre o Bounty, parte-o ao meio, dá-lhe metade e come a sua parte.

Patrick – Porra, que bom que isto é...

Ela observa-o, indignada, mas acaba por comer a sua metade.

Nathalie – Se nos encontrarem, vão chamar-nos os sobreviventes do Bounty.

Ele olha para ela, sem perceber.

Nathalie – Ah, também não conhece?

Patrick – O quê?

Nathalie – O filme! Os Sobreviventes do Bounty!

Patrick – Um filme?

Nathalie – Se tivermos de passar muito tempo juntos nesta ilha, nem sei sobre o que vamos conversar...

Patrick – Não a obrigo a conversar.

Ela fica calada por instantes, a mastigar o Bounty.

Patrick – Aliás, o filme não se chama Os Sobreviventes do Bounty. Chama-se A Revolta do Bounty...

Nathalie – Afinal, também vai ao cinema de vez em quando...

Patrick – Pois... Naufragam e acabam por se comer uns aos outros.

Nathalie – Está a confundir com A Jangada da Medusa...

Ele lança-lhe um olhar irritado, mas não responde.

Nathalie – Está bastante enevoado, apesar de tudo...

Patrick – O quê, esta história?

Nathalie – O tempo! Há nevoeiro, não há?

Patrick – Mesmo com nevoeiro, hoje em dia conseguem evitar os recifes. Há radares.

Nathalie – Não, queria dizer que, se houvesse terra ali perto, talvez não a conseguíssemos ver.

Patrick – Não sei... Perdi os óculos no naufrágio...

Nathalie – Ah, também perdeu...

Patrick – Se calhar, não é por causa do nevoeiro que não vemos bem...

Pausa.

Nathalie – Vou dar a volta à ilha, para ver com os meus próprios olhos.

Patrick – Está bem.

Nathalie – Não vem comigo?

Patrick – Mesmo sem óculos, não corre o risco de se perder. Porque haveria eu de ir consigo?

Nathalie – Para me fazer companhia...

Patrick – Há bocado dizia que eu não tinha conversa... Está com medo, é isso?

Nathalie – De maneira nenhuma!

Patrick – Pois... Afinal precisa de mim, mas não quer admitir.

Nathalie – Muito bem, fique aqui. Eu vou...

Nathalie desaparece atrás da rocha.

Patrick – «Fique aqui»... E havia de ir para onde?

Pausa. Volta a reparar em algo no chão. Apanha outro Bounty, certifica-se de que ela não está a ver e come-o. Nathalie regressa com uma mala.

Patrick – Vai de viagem?

Nathalie – Que engraçado.

Patrick – O que é isso?

Nathalie – Uma mala.

Patrick – Obrigado. Mesmo sem óculos, consigo ver que não é a minha mulher.

Nathalie – Encontrei-a do outro lado, na praia. Não tinha visto nada há bocado?

Patrick – Talvez tenha acabado de dar à costa. Seja como for, não é a minha mala. E presumo que também não seja a sua.

Nathalie – Infelizmente, não... O que fazemos?

Patrick – Como assim, o que fazemos?

Nathalie – Abrimo-la ou não?

Patrick – Porque não haveríamos de a abrir?

Nathalie – A mala não é nossa.

Patrick – E então?

Nathalie – Eu não gostava que um desconhecido andasse a remexer nas minhas coisas.

Patrick – A pessoa a quem pertence deve estar neste momento a servir de almoço aos peixes, portanto...

Nathalie – Acha?

Patrick – De certeza que só tem roupa e uma escova de dentes. Mas nunca se sabe.

Nathalie – Uma escova de dentes e alguma roupa para mudar não me vinham nada mal.

Patrick – Pois... A mim dava-me mais jeito qualquer coisa para comer.

Nathalie – Só pensa em comer?

Patrick – Por amor de Deus, abra de uma vez essa porra de mala! E acabemos com isto!

Nathalie – Está bem... *(Detém-se.)* Porque é que tenho de ser eu?

Patrick – Porque não?

Nathalie – Não sei... Foi a maneira como disse «acabemos com isto».

Patrick – E então?

Nathalie – Pode ser uma mala armadilhada.

Patrick – Primeiro acusa-me de a ter raptado para me aproveitar de si. Agora é uma mala armadilhada. É um bocado paranoica, não é?

Nathalie – Desconfio da humanidade em geral e dos homens em particular. Só isso.

Patrick – Está bem, tem razão. Agora percebo tudo. Uns terroristas abandonaram-nos nesta ilha deserta com uma mala para nos fazermos explodir ao abri-la. Assim não correm o risco de causar danos colaterais...

Nathalie – E porque não?

Patrick – Parece-lhe normal?

Nathalie – Essas pessoas nem sempre têm ideias muito normais.

Patrick – Mesmo assim...

Nathalie – Então abra-a o senhor!

Patrick – Sem problema.

Prepara-se para abrir a mala, embora com alguma apreensão. Mas o fecho resiste.

Nathalie – Então?

Patrick – Está fechada à chave.

Nathalie – Deixe ver.

Tira um gancho do cabelo, dobra-o e consegue abrir a fechadura, sob o olhar surpreendido de Patrick. A mala abre-se.

Nathalie – Pronto.

Patrick – Parece que fez isto a vida toda...

Nathalie – Foi a minha mãe que me ensinou.

Patrick – A sério? É curioso. Imaginava a sua mãe mais a fazer malha do que a arrombar fechaduras...

Nathalie – Pode fazer-se muita coisa com agulhas de tricô... Tenho sempre uma comigo...

Ele olha para ela com alguma inquietação.

Patrick – Então, o que há dentro da mala?

Nathalie olha lá para dentro.

Nathalie – Não vai acreditar.

Patrick – O quê?

Aproxima-se e olha para dentro da mala.

Patrick – Não pode ser...

Nathalie – Uma mala cheia de notas!

Patrick – Isto é de loucos...

Nathalie – Dá para pagar a dívida da Grécia.

Patrick – Não era a primeira coisa que me ocorria, mas realmente é uma pipa de massa.

Nathalie – Deve ter vindo do navio.

Patrick – Quem é que vai fazer um cruzeiro com uma mala cheia de notas?

Nathalie – Ainda por cima, estávamos num regime de tudo incluído.

Patrick – Tirando a loja duty-free.

Nathalie – Não estou a ver ninguém levar uma mala cheia de notas de quinhentos euros só para assaltar a loja duty-free...

Patrick – Bem... Dividimos?

Nathalie – Fui eu que a encontrei...

Patrick – Dei-lhe metade do meu Bounty.

Nathalie – De qualquer maneira, para que nos serve este dinheiro todo numa ilha deserta? Está a ver alguma loja duty-free por aqui?

Patrick – Pois, visto assim, tem razão...

Nathalie – Numa ilha deserta, notas de quinhentos euros... Não valem mais do que as notas do Monopólio.

Patrick – Pois... Mais valia que esta mala estivesse cheia de enchidos.

Nathalie – Uma mala cheia de enchidos... Como em A Travessia de Paris. Ao menos não levávamos a noite inteira a atravessar esta ilha...

Patrick – O quê?

Nathalie – A Travessia de Paris... O filme com Bourvil e Gabin... Também não lhe diz nada?

Patrick – Se vamos passar o resto dos nossos dias juntos neste ilhéu, vai ter de acabar com essas citações de treta, está bem? Isto não é uma sala de aula!

Nathalie – Está bem. Desculpe...

Silêncio.

Nathalie – Talvez seja dinheiro sujo.

Patrick – Claro que é dinheiro sujo! Pensava que eram trocos?

Nathalie – Já estou a imaginar a história...

Patrick – Vê filmes a mais...

Nathalie – Estas notas destinavam-se a pagar uma entrega de droga. E a troca ia realizar-se a bordo do paquete...

Patrick – Pois claro, um cruzeiro de reformados é um lugar muito discreto para negócios de traficantes de cocaína.

Nathalie – Reformados? Muito obrigada.

Patrick – Referia-me à sua mãe. Tem de admitir que a média de idades a bordo era bastante elevada. E aqueles reformados não tinham propriamente ar de quem andasse a cheirar cocaína.

Nathalie – Meu Deus! E se os traficantes quiserem recuperar a mala?

Patrick – Essa história não faz sentido nenhum. Traficantes de droga num navio de cruzeiro...

Nathalie – Tem alguma explicação melhor?

Patrick – Sei lá... Um velho rico que aproveitava uma escala para esconder as poupanças num paraíso fiscal. *(Ela fecha a mala.)* O que está a fazer?

Nathalie – Este dinheiro não nos pertence. Vamos devolvê-lo ao legítimo dono, se algum dia conseguirmos sair daqui.

Patrick – E se todos os passageiros estiverem mortos, incluindo o dono?

Nathalie – Entregamo-la nos Perdidos e Achados e, se ninguém a reclamar dentro de um ano e um dia, a mala é nossa.

Patrick – Está a brincar?

Nathalie – O que sugere? Que nos sentemos os dois em cima da mala e rememos até à Grécia com maços de notas de quinhentos euros em vez de remos?

Patrick – Talvez os socorros acabem por nos localizar...

Nathalie – Pois... E se nos encontrarem? Consegue imaginar-nos a entrar num helicóptero da polícia com uma mala cheia de notas?

Patrick – Sei lá... Podemos enterrar a mala. E voltar depois para a ir buscar...

Nathalie – Enterrá-la?

Patrick – Como na Ilha do Tesouro! Está a ver? Eu também li livros quando era novo...

Nathalie – Lembro-lhe que é a sua mulher que talvez tenha de enterrar, se os tubarões ainda não a comeram. E eu, a minha mãe...

Patrick – A sua mãe, a sua mãe...

Nathalie – O que tem a minha mãe?

Patrick – Tenho a impressão de que a sua mãe a sufocava um bocadinho, não?

Nathalie – Ah, sim? Nem sequer a conhece!

Patrick – Convenhamos, na sua idade, fazer um cruzeiro com a mãe...

Nathalie – E que idade acha que eu tenho?

Patrick – Tenho por princípio não responder a perguntas dessas. Mas, seja qual for a nossa idade, se não nos encontrarem depressa, acho que nunca chegaremos a velhos.

Nathalie deixa-se abater.

Nathalie – Quanto tempo acha que conseguimos aguentar assim?

Patrick – Não sei...

Nathalie – Podemos ficar vários dias sem comer... Uma dieta de vez em quando até faz bem...

Patrick – Pois... Podemos dizer que começamos hoje o Ramadão...

Nathalie – Por favor... Detesto piadas xenófobas.

Patrick – Em último caso, um de nós pode comer o outro para aguentar mais algum tempo...

Nathalie – Está a brincar ou...?

Ele deixa a dúvida no ar.

Patrick – De qualquer maneira, sem beber não aguentamos mais de um ou dois dias. Sobretudo com este calor. O que eu bebia agora era uma boa cerveja.

Nathalie – Temos de avisar os socorros. Tem telemóvel?

Patrick – Há um aqui. Pensei que fosse seu. *(Pega no telemóvel.)* Não há rede.

Nathalie – Podíamos fazer uma fogueira para pedir socorro.

Patrick *(irónico)* – Excelente... Tem fósforos? Vou buscar lenha...

Nathalie – Dê-me o telemóvel. Talvez haja rede do outro lado.

Ela desaparece atrás da rocha. Ele vê um objeto a sair da areia e apanha-o. É uma lata de cerveja. Abre-a e bebe. Ela regressa com um chapéu de sol fechado e pousa o telemóvel. Ele esconde a lata à pressa.

Patrick – Então?

Nathalie – Também não há rede desse lado. Mas encontrei um chapéu de sol. E duas espreguiçadeiras. Devem ter sido arrastadas pelas correntes.

Ele sai. Ela abre o chapéu de sol e coloca-o. Ele regressa com as duas espreguiçadeiras e instala-as. Sentam-se à sombra.

Patrick – Quase parece que estamos de férias...

Nathalie – Se ao menos tivéssemos alguma coisa para beber...

Ele recupera a lata de cerveja e dá um gole. Ela olha para ele, espantada e invejosa.

Patrick – Procure ali na areia.

Ela remexe na areia e encontra uma lata de Coca-Cola. Volta a sentar-se e bebe.

Patrick – Pelos vistos, no Costa Mucho até o naufrágio está incluído no preço.

Nathalie – Isto está a ficar cada vez mais estranho.

Patrick – Não me digas!

Nathalie *(indignada)* – Então, agora já nos tratamos por tu?

Patrick – Se vamos acabar os nossos dias juntos nesta ilha deserta, mais cedo ou mais tarde havemos de atingir um certo grau de intimidade.

Nathalie – Um certo grau de intimidade? Que quer dizer exatamente com isso?

Patrick – Não vamos ter muita escolha.

Nathalie – Que maneira tão galante de o dizer.

Patrick – É um facto. Somos só dois. Não podemos escolher. Como Adão e Eva...

Nathalie – Escolher? Fala do amor como se fosse uma loja com mais ou menos artigos nas prateleiras.

Patrick – Está bem, está bem... Eu, ao menos, fui fazer o cruzeiro com a minha mulher. Não com a minha mãe...

Nathalie – Pois, experimente só... E há de ver o que se pode fazer com agulhas de tricô...

O telemóvel começa a tocar. Ambos ficam paralisados de surpresa.

Patrick – Então, atenda!

Ela precipita-se para o telemóvel e atende.

Nathalie – Estou...? A mala... Ah, não, peço desculpa, eu... Não estava a ouvir rádio... Não, não faz mal... Sim, obrigada, igualmente...

Fica imóvel por momentos, com o telemóvel na mão. Patrick olha para ela, consternado.

Patrick – O que é que lhe perguntaram?

Nathalie – Perguntaram-me... se eu sabia quanto dinheiro estava na mala.

Patrick – Na mala?

Nathalie – Sim... Na mala.

Patrick – Em que mala?

Nathalie – Nesta, suponho. Ou talvez estivessem a falar da mala do concurso da rádio... Agora que penso nisso, já não sei...

Patrick – Ligam-lhe de uma rádio, em direto, com milhões de ouvintes, e nem se lembra de lhes dizer que naufragámos?

Nathalie – Desculpe, apanharam-me de surpresa. Nem me passou pela cabeça.

Patrick – Dê-me esse telemóvel! Vou ligar-lhes de volta...

Pega no telemóvel e carrega na tecla de remarcação.

Patrick – E merda, outra vez sem rede...

Nathalie – É incrível... Se era mesmo o concurso da rádio... Já imaginou? Por pouco não ganhávamos a mala cheia de dinheiro...

Patrick – Mas já temos a porra da mala! Se quer saber quanto está lá dentro, só tem de contar as notas!

Nathalie – É verdade, tem razão... Normalmente perguntam o valor antes de entregar o prémio... É estranho, não é?

Patrick – É a única coisa que acha estranha?

Ficam os dois em silêncio, abatidos.

Patrick – Sabe uma coisa?

Nathalie – O quê?

Patrick – Pergunto-me se a minha mulher me anda a enganar.

Nathalie – Porque é que diz isso?

Patrick – Não sei, ultimamente acho-a um bocado... distante.

Nathalie – Não, quero dizer: porque é que me está a contar isso agora? A mim.

Patrick – Não sei, eu... E havia de contar a quem? Está a ver mais alguém nesta ilha com quem eu possa falar disso?

Nathalie – Mas que me importa a mim se a sua mulher o engana ou não? Tem noção da situação em que estamos? Acha que, neste momento, o problema é saber se é corno?

Patrick – Se já nem se pode conversar...

Pausa.

Nathalie – Além disso, quem devia ter ciúmes era a sua mulher, não? Por saber que está sozinho numa ilha deserta com uma jovem encantadora!

Patrick – Está bem, então diga-me lá: de que quer falar?

Nathalie – Não sei... Temos de nos organizar um pouco.

Patrick – Organizar-nos?

Nathalie – Para sobreviver. Completamente por nossa conta. Já leu Robinson Crusoé?

Patrick – Não vai começar outra vez...

Nathalie – Desculpe... Sabe pescar?

Patrick – Com uma cana de pesca, sei.

Nathalie – Pelos vistos, as correntes trazem muita coisa para aqui. Pode ser que apareça uma cana de pesca de última geração.

Patrick – Ou, melhor ainda, uma lata de sardinhas em azeite ou de cavala em conserva que venha dar à nossa praia privada de vez em quando.

Pausa.

Nathalie – A nossa praia privada... É verdade, agora que penso nisso. Esta ilha é nossa.

Patrick – Nossa?

Nathalie – Se não constar de nenhum mapa e estiver em águas internacionais...

Patrick – Sim?

Nathalie – Do ponto de vista jurídico, creio que podemos declarar a independência e fundar um Estado.

Patrick – Não é um bocado pequeno para país?

Nathalie – É suficientemente grande para um paraíso fiscal.

Patrick – Olhe que não é má ideia... *(Aponta para a mala.)* E já temos capital inicial.

Nathalie – Se exigirem a devolução do dinheiro, dizemos que não assinámos nenhum acordo de extradição.

Patrick – Se calhar, esta massa toda é o que os passageiros pagaram por aquela viagem caríssima naquela porra de banheira que naufragou.

Nathalie – Tem razão... No fundo, até é justo que o dinheiro fique connosco...

Pausa.

Patrick – Parece-me que nos estamos a afundar...

Nathalie – É evidente. Se ficarmos aqui muito tempo, acabamos doidos.

Patrick – Não, quero dizer que estamos mesmo a afundar-nos.

Nathalie – Tem a certeza?

Patrick – Não sei... Há bocado parecia-me que a praia era maior...

Nathalie – Deve ser o aquecimento global.

Patrick – Ou a maré... É verdade, afinal até no Mediterrâneo há uma maré, embora pequena.

Nathalie – Está a ficar cada vez mais escuro, não está?

Patrick – A noite tem de cair mais cedo ou mais tarde.

Nathalie – Como nos vamos organizar para dormir?

Patrick – Está mesmo agarrada à ideia da organização...

Nathalie – Qual dos lados prefere?

Patrick – Mas não temos cama!

Nathalie – Qual dos lados da ilha!

Patrick – É melhor ficarmos juntos, não acha?

Nathalie – Juntos? O que quer dizer exatamente com isso?

Patrick – Juntos... Quer dizer, unidos...

Nathalie – Está bem...

Patrick *(pousando-lhe a mão no ombro)* – Vá lá, acho que começámos com o pé esquerdo... Já que estamos presos aqui por algum tempo, mais vale ver o lado positivo, não é?

Nathalie *(hesitante)* – Bom, também não nos vamos deitar já. Tem sono?

Patrick – Tem razão. Vamos apreciar o pôr do sol...

Senta-se junto dela.

Nathalie – Está a fazer-se a mim?

Patrick – Claro que não!

Nathalie – Desculpe, foi o que me pareceu.

Patrick – Não se deve acreditar em tudo o que se vê. Parece-se demasiado com aquilo que desejamos.

Nathalie – Então também caiu na tentação das citações.

Patrick – Nem sabia que era uma citação...

Nathalie – «Aquilo que desejamos»? Acha-se um Dom Juan, ou quê?

Patrick – E a senhora? Uma mulher fatal, talvez?

Nathalie – Está bem... Dissemos que devíamos manter-nos unidos... Já agora, nem sei como se chama.

Patrick – Patrick.

Nathalie – Patrick? Pois... Fica-lhe bem.

Patrick – Obrigado... E a senhora?

Nathalie – Nathalie. Eu sei, também me fica bem...

Patrick – Sei que não sou nenhum Dom Juan.

Nathalie – Também não precisa de se rebaixar. Não é nada feio.

Patrick – Acha?

Nathalie – Não se entusiasme tanto...

Patrick – A senhora, pelo contrário... Tem tudo de mulher fatal...

Nathalie – Ah, sim?

Patrick – Sendo nós dois os únicos habitantes de uma ilha tão pequena, era fatal que nos encontrássemos.

Nathalie *(para encerrar a conversa)* – Bem, vou dormir. Talvez amanhã acordemos e este pesadelo tenha acabado...

Patrick – Acha?

Nathalie – Tem alguma proposta melhor?

Deitam-se na areia e adormecem. O telemóvel toca. Não o ouvem. Ouve-se um ruído de multidão num espaço fechado, cada vez mais intenso. Depois, o som desvanece-se à medida que a luz diminui.

Escuro.

Dia 2

A luz regressa. Patrick e Nathalie acordam. As duas personagens podem ser interpretadas pelos mesmos atores ou por outros (o que acentuará a dimensão onírica e simbólica da peça). Olham um para o outro e depois à sua volta.

Patrick – Pelos vistos, não foi um pesadelo.

Nathalie – A não ser que o pesadelo continue... *(Pausa.)* Com o que sonhava quando era criança?

Patrick – Os meus sonhos?

Nathalie – Por exemplo, que profissão queria ter?

Patrick – Sonhava conduzir um camião.

Nathalie – Então, no fundo, é um homem realizado...

Patrick – Acha que devia ter sido mais ambicioso, é isso?

Nathalie – Talvez tenha razão. Na vida, para não ficarmos desiludidos, mais vale não apontar demasiado alto. Gosta de conduzir camiões?

Patrick – Porquê? Está a pensar tirar a carta de pesados?

Nathalie – Desculpe, não o queria ofender. E, sabe, ser professora numa escola da periferia, hoje em dia... Às vezes parece que conduzimos um camião cheio de nitroglicerina por uma estrada aos solavancos...

Patrick – O Salário do Medo...

Nathalie – Gosta do seu trabalho? Quero dizer, é como imaginava quando era miúdo?

Patrick – Pelo menos não tenho o patrão em cima de mim. Ou, pelo menos, não tenho de o aturar o dia todo. Na estrada estamos sozinhos. Sossegados. Sem pensar em nada.

Nathalie – Viaja muito?

Patrick – Faço transportes internacionais.

Nathalie – Então deve conhecer muitos países. Mais do que eu, certamente. Porque, tirando a Grécia...

Patrick – Sim, conheço muitos países. Sobretudo as estações de serviço...

Ela apanha alguma coisa do chão.

Nathalie – Quer metade de um Bounty?

Patrick – Onde encontrou isso?

Nathalie – Debaixo daquela palmeira.

Patrick olha para a sua palmeira.

Patrick – Há um debaixo da minha também...

Apanha-o. Comem cada um o seu Bounty, pensativos.

Nathalie – Como terão vindo aqui parar estes Bounty?

Patrick – Se calhar foi o Pai Natal. Como não havia pinheiros, deixou-os debaixo das palmeiras.

Nathalie – Ou então caíram das árvores.

Patrick – Duas palmeiras geneticamente modificadas para dar diretamente Bounty de coco...

Nathalie – Quem sabe? Ultimamente, já quase nada me espanta.

Acabam de comer os Bounty.

Nathalie – Dormiu bem?

Patrick – Como uma pedra. E a senhora?

Nathalie – Custou-me um bocado adormecer...

Patrick – Devia ter contado carneiros.

Nathalie – Como não havia carneiros, contei o dinheiro da mala.

Patrick – Ah, contou?

Nathalie – Assim, se voltarem a telefonar, podemos dizer-lhes a quantia exata.

Patrick – Mas já temos a mala!

Nathalie – Sim, mas assim será mesmo nossa. Oficialmente.

Patrick – Quando andava na estrada, também ouvia esse concurso na rádio.

Nathalie – Ao menos tinha companhia durante as viagens...

Patrick – Sabia sempre quanto havia na mala, até ao último cêntimo. Uma vez ligaram-me. Tinha acabado de dar boleia a uma mulher e desligara o rádio...

Nathalie – Espero ao menos que tenha valido a pena... Refiro-me à mulher a quem deu boleia.

Patrick – Chamava-se Christelle. Seis meses depois estávamos casados.

Nathalie – Ora essa... Não é uma maneira muito habitual de conhecer a mulher com quem se casa...

Patrick – Acha?

Nathalie – É muito romântico... Mas, pelo que se vê nos filmes, não é bem assim que costumam acabar os encontros entre camionistas e mulheres que pedem boleia...

Patrick – Não sei que género de filmes costuma ver.

Pausa.

Nathalie – Quando eu era pequena, era uma princesa. Pelo menos era o que a minha mãe me dizia. Quando percebi que não havia muitas saídas profissionais para princesas, acabei por ser professora.

Patrick – Ah, sim, é... Não é exatamente a mesma coisa...

Nathalie – Foi a melhor maneira que encontrei de nunca sair da escola.

Ele olha para o chão.

Patrick – Ora, o que é isto agora?

Nathalie – Uma garrafa... Infelizmente está vazia...

Patrick apanha a garrafa.

Patrick – Não completamente. Veja, tem um papel lá dentro.

Nathalie *(aproximando-se)* – Não pode ser... Acha que é uma mensagem?

Patrick – Uma mensagem para nós, quer dizer?

Nathalie – Mas somos nós que devíamos deitar garrafas ao mar, para pedir socorro. Não era suposto recebermos correio.

Ele tira o papel de dentro da garrafa.

Nathalie – Então?

Patrick *(lendo)* – «Chamo-me Nathalie e sou aluna da escola da Imaculada Conceição, em Saint-Ouen-l'Aumône, perto de Paris. Se encontrar esta mensagem, agradeço que ma devolva para a seguinte morada...»

Nathalie – Rue des Peupliers, número 13-B.

Patrick – Como sabe?

Nathalie – Fui eu que escrevi essa mensagem. Agora lembro-me. Tinha seis anos.

Patrick – Não me diga! Isto é incrível!

Nathalie – Esperava que um príncipe encantado encontrasse um dia aquele pedido de socorro, me enviasse uma fotografia e acabássemos por casar.

Patrick – Já devia estar bastante desesperada nessa altura...

Nathalie – Obrigada por mo lembrar.

Patrick – Desculpe, não era isso que queria dizer.

Nathalie – Não, tem razão. Na minha idade, fazer um cruzeiro com a mãe... Infelizmente, durante todos estes anos, ninguém encontrou a garrafa que atirei ao mar. E hoje ela volta à procedência...

Patrick – Não exatamente...

Nathalie – Como assim?

Patrick – Fui eu que encontrei a garrafa.

Nathalie – Sem querer ofendê-lo, não corresponde propriamente à imagem que eu tinha nessa altura do Príncipe Encantado.

Patrick – Já calculava...

Nathalie – Sobretudo porque não imaginava o meu Príncipe Encantado já casado. E logo com uma Christelle...

Patrick – Na verdade, pouco antes daquela famosa festa do capitão, a minha mulher tinha acabado de me dizer que queria divorciar-se.

Nathalie – Depois de o levar num cruzeiro para festejarem o aniversário de casamento?

Patrick – Queria acabar a nossa história em grande. Pelo menos foi o que me disse.

Nathalie – Talvez se tenha apaixonado pelo capitão...

Patrick – Primeiro pensei que era uma brincadeira. Mas, quando acordei aqui, perguntei-me se não teria sido ela a atirar-me borda fora.

Nathalie – Lamento muito. Mas sabe o que se diz: perde-se uma, encontram-se dez...

Ele olha à sua volta.

Patrick – Dez? Tem a certeza?

Nathalie – Quer dizer... Há de encontrar outra mulher, de certeza...

Patrick – Pois... Uma, talvez...

A luz diminui gradualmente.

Nathalie – Acha que a minha mãe também me podia ter atirado borda fora?

Patrick – Quem sabe? Se calhar também se apaixonou pelo capitão...

Escuro.

Um belo dia

A luz regressa gradualmente. Uma faixa está estendida entre as duas palmeiras: «República Autónoma de Costa Poco». Os atores podem ser os mesmos de antes ou ter mudado outra vez.

Patrick – Parece-me que vamos ter mais um belo dia.

Nathalie – Sim, mais um...

Patrick – Está mais bronzeada, não está?

Nathalie – O senhor também. Fica-lhe muito bem...

Patrick – Obrigado.

Olha para a faixa.

Patrick – Sem óculos não consigo ler bem o que escreveu naquela faixa. É um pedido de socorro?

Nathalie – Mais uma declaração de independência.

Patrick *(semicerrando os olhos)* – República Autónoma de Costa Poco. Ah, sim, é...

Nathalie – Chega de lançar garrafas ao mar... Decidi ser otimista de uma vez por todas.

Patrick – Muito bem... *(Pausa.)* República? Acha?

Nathalie – Preferia um reino?

Patrick – Isso significava que a senhora seria a minha rainha...

Nathalie – Então, república.

Patrick – Somos ao mesmo tempo os únicos candidatos e os únicos eleitores. Não vai ser fácil conseguir uma maioria.

Nathalie – A menos que consiga convencê-lo a votar em mim...

Patrick – Já é a eleita do meu coração... Se ainda por cima exige um plebiscito, estamos a um passo da ditadura...

Nathalie – Muito bem, alternamos no poder.

Patrick – E se não chegarmos a acordo sobre um programa comum?

Nathalie – Podemos sempre separar-nos e formar dois Estados.

Patrick – Teremos de arranjar nomes novos para os dois países.

Nathalie – Costa Poco do Norte e Costa Poco do Sul?

Pausa.

Patrick – Acha que estamos a enlouquecer?

Nathalie – Talvez seja o princípio da sabedoria.

Patrick – Realmente... É muito otimista.

Nathalie – Podemos simplesmente considerar que estamos de férias...

Patrick – De férias?

Nathalie – Afinal, não se está bem aqui? Há pessoas que pagam fortunas para comprar uma ilha como esta e passar cá o resto da vida.

Patrick – Pensando bem, até não estamos nada mal.

Nathalie – O mar, a praia...

Patrick – Os Bounty que caem diretamente das árvores...

Nathalie – Sempre bom tempo.

Patrick – Não precisamos de trabalhar.

Nathalie – Temos dinheiro para dar e vender.

Patrick – E não podemos comprar nada com ele...

Nathalie – Não há impostos.

Patrick – Nem taxas.

Nathalie – É o paraíso.

Pausa.

Patrick – Acha que já estamos mortos?

Nathalie – Quem sabe...

Patrick – Nunca pensei que, depois de morrer, fosse acabar num paraíso fiscal...

Pausa.

Patrick – É curioso. Estou a começar a esquecer-me do que aconteceu antes.

Nathalie – Antes do quê?

Patrick – Antes do que nos aconteceu.

Nathalie – E o que foi que nos aconteceu?

Patrick – A vida é um naufrágio.

Nathalie – Talvez até seja melhor esquecermo-nos um pouco do passado.

Patrick – Acho que era casado. Com uma mulher.

Nathalie – Ainda bem que esclarece.

Patrick – Mas já não me lembro do nome dela.

Nathalie – Christelle.

Patrick – Isso mesmo. Ainda se lembra?

Nathalie – Christelle. É um nome que não se esquece.

Patrick – E a senhora? Não tinha uma mãe?

Nathalie – Toda a gente tem mãe, não tem?

Patrick – Sim, suponho que sim...

Nathalie – Quer outro Bounty?

Patrick – Sim, com muito gosto.

Comem cada um o seu Bounty.

Nathalie – Voltei a contar o dinheiro da mala.

Patrick – E então?

Nathalie – Todos os dias aparece mais uma nota de quinhentos euros.

Patrick – Ora essa...

Nathalie – Acha que são os juros?

Patrick – É assim que funciona a mala do concurso. Enquanto ninguém acertar na quantia exata...

Nathalie – Seja como for, nunca mais nos telefonaram.

Silêncio.

Patrick – Não quer mesmo que passemos a tratar-nos por tu?

Nathalie – Não sei... Numa ilha tão pequena, manter alguma distância... É quase uma questão de saúde pública, não acha?

Patrick – Tem razão. Somos só dois. Cada um deve conservar alguma dose de mistério.

Nathalie – Está a ver? O senhor também está a tornar-se filósofo.

Patrick – E depois, este tratamento tão formal entre nós, Christelle, é tão...

Nathalie – Eu não me chamava Nathalie, antes?

Patrick – Duvido muito.

Nathalie – Porquê?

Patrick – Nathalie é um nome que ninguém esquece.

Pausa.

Nathalie – Já não sei bem... Estamos de férias?

Patrick – Reformados?

Nathalie – Reformados? Somos assim tão velhos?

Patrick – Já cá estamos há bastante tempo.

Nathalie – Que idade teremos?

Patrick – Seja qual for, não a aparenta.

Nathalie – Obrigada.

Patrick – Sabe o que penso?

Nathalie – Não tínhamos combinado que cada um guardava alguma dose de mistério?

Patrick – Estávamos destinados a encontrar-nos.

Nathalie – Seja como for, não vamos encontrar mais ninguém.

Patrick – Nunca nos separaremos.

Nathalie – Se nos separássemos, nem sabíamos para onde ir.

Patrick – Nesse caso, só nos resta uma coisa a fazer.

Nathalie – Está a assustar-me um bocadinho, Patrick...

Ele volta a pôr o boné de capitão e estende-lhe a mão. Música: Bésame mucho.

Patrick – Dançar!

Nathalie – É uma ordem?

Patrick – Num navio, depois de Deus, quem manda é o capitão...

Ela hesita por momentos e aceita-lhe a mão.

Nathalie – Depois de mim, quer dizer.

Começam a dançar um tango desenfreado.

Nathalie – Não sabia que dançava tão bem, Capitão. Até me faz perder o pé...

A dança para bruscamente quando ele inclina a parceira para trás.

Nathalie – Amanhã sou eu que conduzo!

Escuro.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Setembro de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-000-1

Documento para download gratuito